

O Clima da Liberdade

ANDRADE FURTADO

(Catedrático de Direito Administrativo)

Diante dos acontecimentos drâmáticos que agitam o mundo, vemos, nos dias tormentosos que passam, entrecocar-se a clássica concepção do Direito com o mito da Ideia-força do totalitarismo marxista.

A Civilização Ocidental não pode abrir mão do seu patrimônio democrático... Temos necessariamente de defender a ciência cristã, sem a qual os povos mergulham na noite da escravidão.

Combater somente o Fascismo, para servir à modalidade mais violenta e perigosa dessa diátese política do tempo — o Bolchevismo — constituiria uma deficiência da percepção exacta dos factos contemporâneos.

Na realidade, o sistema soviético representa a mais ousada e ostensiva negação dos códigos jurídicos, da dignidade da consciência, do respeito à pessoa humana, das prerrogativas cívicas, enfim, do tesouro espiritual das grandes conquistas do nosso século.

Não havemos de consagrar a exaltação do imperialismo e o desprezo da palavra empenhada, para ceder terreno ao regime do roubo e do assassinio, consolidado em fórmula de direcção social.

Daí a persistência da divisão dos campos, no domínio das actividades internacionais, ficando o terreno separado em esferas irreconciliáveis.

Isto é o resultado inequívoco de uma doutrina estúpida, que considera raças ou classes superiores, com a predestinação de sobrepor-se às demais...

De tal sorte se afirmam as brutalidades desses agentes de expansionismo ditatorial que, onde quer que prevaleçam, só restam em tórno de si cadáveres ou escravos. Já disse alguém que a essência do fenômeno fascista da direita ou da esquerda é a recusa da unidade humana.

Nisto está, com efeito, a raiz de tão hediondo mal.

A violência e a injustiça do comunismo não são simples acidentes, mas, no conceito de eminente sociólogo moderno, constituem a tradução política da sua metafísica. Tem-se definido, tradicionalmente, a Democracia como govêrno do povo, pelo povo e para o povo.

Faz-se preciso, entretanto, um pensamento mais nítido e seguro, em que se perceba o conteúdo verdadeiro dessa velha e ambicionada aspiração da família universal.

Já antes da última guerra, Jouhaux, na França, disse com felicidade de expressão que a Democracia realiza “a identidade dos governantes e governados”, ou, pelo menos, tende a estabelecer uma identificação máxima entre dirigentes e dirigidos.

A Democracia, na assertiva de Jacques Bainville, não pode viver senão na medida em que seja fiel ao seu ideal.

Por isso, o govêrno do povo, pelo povo e para o povo se resume, afinal de contas, conforme reconhece G. Vedel, em um govêrno da maioria.

Não se concebe, por conseguinte, o poder imposto, como fazem os tiranos, às populações esmagadas a ferro e fogo, em nome da chamada “democracia progressista” — eufemismo com que os publicistas e diplomatas orientais, na Europa, encobrem o furor da sua barbaria.

A vontade nacional, com o seu dinamismo invencível, inculca na alma das multidões um ímpeto em prol da soberania do seu pensar e do seu agir.

O regime das liberdades públicas permite um clima em que as minorias respiram plenamente, expressando a sua opinião e os seus sentimentos.

Não é admissível, todavia, conceder “liberdades em pro-

veito dos inimigos da liberdade". Seria concorrer para a destruição de tudo o que há de mais nobre e mais elevado nas reservas do patriotismo e dos direitos individuais.

De tal modo as populações postergadas pelo absolutismo imperante na zona, sôbre a qual desceu a cortina de aço do terror moscovita, se mantêm em estado de sujeição ao primado da matéria, que elas podem dizer: — "A nossa liberdade é a ignorância das nossas cadeias" . . .

Sòmente quando o homem adquire a consciência da escravidão torna-se capaz de pleitear o direito à liberdade.

E' por esta razão que, nas terras de Santa Cruz, onde se escreveu uma página das mais brilhantes da História com o feito da Emancipação dos Negros, não se compreende o direito de matar a Liberdade, como intentam os arautos da revolução, a serviço da técnica da desordem.

A mocidade acadêmica é chamada para os prélios da inteligência, no porfiado estudo de questões tão relevantes, que dizem respeito ao futuro da Nacionalidade e ao destino dos nossos ideais de honra e de cultura.